



## ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA TUPARI<sup>✓</sup>

Juari TUPARI<sup>1</sup>  
Daiane Adjero ARIKAPU<sup>2</sup>  
Josélia Gomes NEVES<sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste texto foi apresentar alguns elementos do Relatório Final do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia, UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. Situa-se na Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita do Grupo de Pesquisa Educação na Amazônia (GPEA). O trabalho ocorreu nas escolas Anomae Tupari e Boatt Gerainny de setembro de 2018 a janeiro de 2020, por meio da pesquisa bibliográfica, narrativa e documental. Foi possível inferir que as crianças da Terra Indígena Rio Branco constroem seu conhecimento sobre a escrita por meio de atividades iniciais de desenhos, alfabeto indígena e não indígena com cópias de letras, sílabas e palavras veiculadas nas línguas indígena e portuguesa sobre temas de sua realidade juntamente com temas introdutórios da matemática. Concluímos que a alfabetização realizada nas duas escolas demanda reflexões por parte das comunidades, docência indígena e agências formadoras no sentido de discutir as relações o saber escolar e as demandas políticas dos Povos Indígenas.

**Palavras-chave:** Povo Indígena Tupari. Escola Anomae Tupari. Escola Boatt Gerainny.

### 1 INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi viabilizado pela UNIR – Campus de Ji-Paraná por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos. Neste texto apresentamos um resumo do trabalho realizado nas etapas presenciais da Licenciatura Intercultural e na Terra

---

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena.

<sup>1</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: juaritupari87@gmail.com.

<sup>2</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER E-mail: daianearikapu1@gmail.com.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com.

Indígena Rio Branco, nas escolas Anomae Tupari e Boatt Gerainny. O referencial teórico considerou a leitura e reflexão de textos de pesquisadores indígenas e não indígenas referentes aos temas de estudo (TUPARI, 2014; CASPAR, 1957; NEVES, 2009; FONSECA, 2011) além de documentos oficiais (BRASIL, 1998).

## 2 METODOLOGIA

O trabalho de viabilização do Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos* possibilitado pela ativa participação de bolsistas da T. I. Rio Branco foi realizado na perspectiva de um estudo qualitativo, pois entende que, “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte [...]”. (GODOY, 1995, p. 21). Além da pesquisa bibliográfica, adotamos a pesquisa narrativa, por articular “[...] investigação e formação no mesmo processo que se caracteriza, [...] pela intencionalidade de realizar uma reconfiguração de saberes, [...]”. (CUNHA, 1997, p. 191). Os memoriais dos estudantes sobre como aprenderam a ler e escrever desencadearam o início dos estudos.

O caderno escolar, ainda percebido como um “[...] objeto quase invisível que guarda a memória da educação” (MIGNOT, 2008, p.13), contribuiu como fonte da pesquisa documental, que utiliza “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, [...]”. (GIL, 2008, p. 50). Nessa direção, após aprovação de responsáveis, foram fotografadas de dez a quinze atividades realizadas por crianças da T. I. Rio Branco no intuito de observar como aprendem a ler e escrever. Utilizaremos nove destas atividades, excluindo as repetições.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para fins de contextualização, iniciamos este texto, apresentando um breve histórico da etnia Tupari. De acordo com o professor e pesquisador indígena Isaias Tarimã Tupari (2014) desde os tempos imemoriais, os Tupari viviam nas regiões onde atualmente está localizado o município de Vilhena na fronteira com o estado do Mato Grosso, período em que o povo foi nômade e sobrevivia por meio da coleta de frutas da floresta. Depois, foram produzindo suas próprias ferramentas a partir da: “[...] pedra, de osso do animal, da madeira, [...], foram aperfeiçoando as técnicas de fabricar as ferramentas de trabalho, como o machado (wì), da pedra (wa“i), a espada

(potpetara) da lasca de palmeira (sut), a técnica de acender o fogo, (kopkàp) [...]. (TUPARI, 2014, p. 20). Estas técnicas permitiram o cultivo da agricultura, ocasião em que produziam alimentos como a *epip* (banana), *mãy* (macaxeira), *opap* (milho), *awate* (cará), por exemplo.

Franz Caspar (1957) localizou os Tupari no final dos anos 1940 nas proximidades do Rio Branco, antigo Rio Simão. Registrou um breve inventário de suas práticas culturais: a presença da grande casa comunal, as festas, caçadas com arco e flecha, pesca com o recurso de plantas, práticas artesanais de cerâmica e tecelagem, além dos casamentos inter-étnicos. Informa que o contato com grupos não indígenas ocorreu possivelmente no início do século passado no contexto da extração da borracha, época de muito sofrimento e perdas para o Povo Tupari.

Na atualidade parte significativa dos Tupari, falantes da língua Tupí, família Tuparí (CABRAL E RODRIGUES, 2007), convivem com os Povos Aikanã, Arikapu, Aruá, Djeoromitxi, Canoé e Makurap, na T. I. Rio Branco totalizando em 679 pessoas. O território está situado nos municípios de Alta Floresta D<sup>o</sup> Oeste, São Miguel do Guaporé e São Francisco do Guaporé, estado de Rondônia e foi homologado por meio do Decreto nº 93.074/1986.

No que se refere à alfabetização, segunda discussão deste texto, consideramos inicialmente os relatos dos estudantes indígenas, bolsistas do PIBID Indígena, duas experiências bem diferentes: “Quando eu tinha 10 anos de idade comecei a frequentar a escola com meu tio Raul Tupari, [...]. Estudei na minha própria aldeia. [...] ele escrevia no meu caderno para eu reescrever e ler [...]”<sup>4</sup>. Já o outro estudante<sup>5</sup> iniciou a educação formal em 1989, aos nove anos, em uma escola indígena com aulas pela manhã e a tarde, com docente não indígena, distante duas horas de sua comunidade, uma rotina que envolvia longas e solitárias caminhadas. Estudava as vogais, numerais de 1 a 10, mas as aulas eram constantemente interrompidas em função da saída de docentes o que atrasou bastante sua escolarização inicial.

---

<sup>4</sup> Fragmento extraído do Memorial de Alfabetização de Daiane Adjero Arikapu, produzido em outubro de 2019 como uma das atividades do PIBID Indígena da UNIR – Campus Urupá de Ji-Paraná-RO.

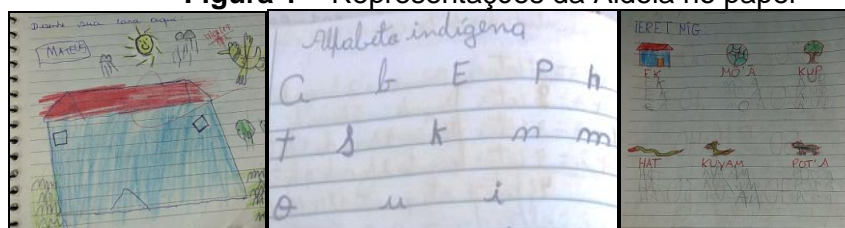
<sup>5</sup> Fragmento extraído do Memorial de Alfabetização de Juari Tupari, produzido em outubro de 2019 como uma das atividades do PIBID Indígena da UNIR – Campus Urupá de Ji-Paraná-RO.

Foi possível observar que as histórias de alfabetização acima revelam distintas trajetórias realizadas nas duas línguas – a materna e a portuguesa com docente indígena e não indígena por meio de uso de cópias. O acesso à língua escrita evidencia aspectos de luta pela escola, descontinuidades no trabalho oferecido com retardo das aprendizagens indígenas no início da educação formal.

A terceira atividade desenvolvida foi a discussão dos processos de Alfabetização Intercultural em contextos indígenas a partir dos cadernos escolares. (NEVES, 2009). Alternamos os estudos organizando as atividades nas duas temporalidades vivenciadas no curso: o Tempo Universidade época da etapa presencial de aulas – ocasião das leituras, debates e análises dos materiais e o Tempo Comunidade, onde o espaço das aprendizagens são as aldeias indígenas. Nesta ocasião foram coletadas as atividades nas duas escolas Anomae Tupari (Aldeia Serrinha) e a Boatt Gerainny (Aldeia São Luiz), ambas na T. I. Rio Branco.

Há atividades iniciais de desenhos e na sequência é apresentado o alfabeto indígena, seguido por uma relação de imagens com palavras escritas na língua materna para cópia, como *ek* (casa), *kup* (árvore), *hat* (cobra), *kuyãm* (pássaro) e *pot'a* (queixada). Observamos que as imagens são de objetos pertencentes às realidades - indígena e não indígena, possivelmente do conhecimento das crianças, o que evidencia uma das características da Alfabetização Intercultural.

**Figura 1 – Representações da Aldeia no papel**

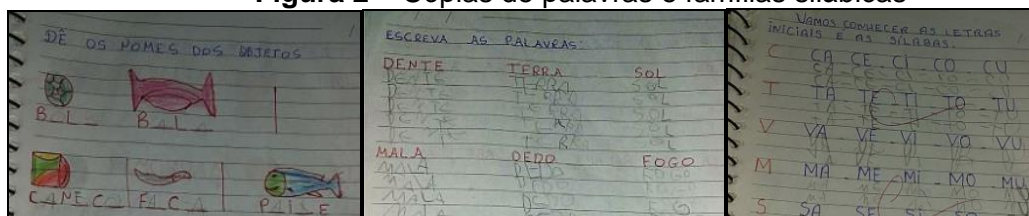


Créditos: Bolsistas PIBID Indígena da T. I. Rio Branco

É solicitado às crianças que preencham as lacunas com vogais, exceto na última palavra que se trata de consoante (peixe). Propor situações didáticas que permitem compreender que os objetos podem ter duas representações, a icônica e não icônica é importante na aprendizagem da leitura e da escrita para desvencilhar o desenho das letras. No entanto, se a atividade se reduzir a uma simples cópia, esta

situação de aprendizagem também sofrerá limitações. Nas atividades seguintes observamos que a cópia está presente nas atividades das duas escolas. Os verbos escrever e copiar são tratados como sinônimos.

**Figura 2 – Cópias de palavras e famílias silábicas**

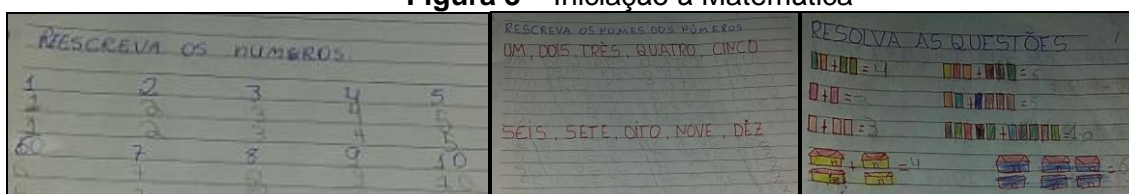


Créditos: Bolsistas PIBID Indígena da T. I. Rio Branco.

Quais são os efeitos destas práticas na alfabetização, quando, “[...] tudo o que o professor faz é pedir que ele copie a linguagem controlada e artificial encontrada em tantas cartilhas? Quando isso acontece, o aluno tem muito menos chances de [...] perceber a sua importância, de perceber por que, afinal, as pessoas escrevem...”. (BRASIL, 1998, p. 137). Observamos ainda que a cópia das famílias silábicas, principalmente referente a CA CE CI CO CU e SA SE SI SO SU podem levar a incompreensões no futuro.

Em relação às aprendizagens da Matemática observamos três atividades envolvendo a cópia dos numerais de um a dez e por extenso em língua portuguesa. No entanto, as solicitações utilizam o verbo, reescrever o que suscita reflexões já que a atividade implica em reprodução literal. A proposta seguinte trata de uma iniciação à adição, ancorada no desenho e na contagem, a tarefa é para a criança calcular e informar o resultado, que é realizada de forma satisfatória.

**Figura 3 – Iniciação à Matemática**



Créditos: Bolsistas PIBID Indígena da T. I. Rio Branco

A análise das amostras de atividades de alfabetização permite afirmar que o início da escolarização das crianças envolve assuntos relacionados ao contexto local, representados por meio de desenhos, alguns de produção infantil, que “[...] incorpora elementos da realidade cultural do educando [...]”. (FONSECA, 2011, p. 92), aspecto importante na produção de sentidos. No entanto, é preciso “[...] estar atento para as influências que advém dos livros didáticos, cujas ilustrações são, muitas vezes, reproduzidas mecanicamente pelos alunos. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 311). Avaliamos que a ênfase na cópia e o equívoco conceitual de confundir cópia com escrita exige reflexões para a formação docente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discutimos alguns aspectos da Alfabetização Intercultural que ocorre nas escolas indígenas Anomae Tupari e a escola Boatt Gerainny localizadas na T. I. Rio Branco, em Rondônia. Trata-se de um recorte do Relatório Final do PIBID Indígena. Foi possível compreender que o processo de ler e escrever desde as memórias e cadernos escolares em um espaço multiétnico sugere que o trabalho envolve conteúdos inspirados na realidade local indígena, veiculados nas línguas utilizadas pelos falantes, a indígena e a portuguesa. O uso da cópia e de imagens estereotipadas merece aprofundamento nos espaços de formação docente tanto inicial como continuada no intuito de ampliar o entendimento sobre as finalidades da escrita em contextos de larga tradição oral.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas e culturas Tupí**. Campinas, SP: Kurt Nimuendajú; Brasília: LALI/UNB, 2007.

CASPAR, F. A aculturação da tribo Tuparí. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 5, nº 2, p. 145-171, dezembro, 1957.

FONSECA, Mary Gonçalves. **Casa de Escrever no papeo**: A Escola Tuparí da Terra Indígena Rio Branco, Rondônia. Orientador: Ari Miguel Teixeira Ott. 2011. 104f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente).

Universidade Federal de Rondônia. Campus José Ribeiro Filho. Porto Velho– RO, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.

TUPARI, Isaias. **Puop’orop Toap, um estudo sobre a Educação Indígena Tupari**. Orientador: Genivaldo Frois Scaramuzza. 2014. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2014.